



concepção

karin lambrecht

galeria

nara roesler



nascimento e amor, 2015 -- pigmentos em meio acrílico, pastel seco e carvão vegetal sobre lona com cruzinha de cobre/pigments on acrylic media, dry pastel and charcoal on canvas with copper -- 67 x 72 cm

karin lambrecht

a casa no tempo agnaldo farias

A casa de aparência sólida onde Karin Lambrecht vive com sua mãe, uma senhora de 97 anos que, com dificuldade de se movimentar, tem seu quarto no piso térreo, vem ficando cada vez mais ilhada pelo trânsito intermitente, ruidoso e sujo, no outrora quase bucólico bairro de Higienópolis, em Porto Alegre. A atmosfera era tranquila, conta Karin, que cresceu ali, que ali criou a filha, no que é confirmada pelos relatos vívidos de sua mãe que, quando criança viveu alguns anos na casa vizinha até mudar-se para ela em definitivo. A casa resiste ao tempo, entrincheirada num espaço em volta cada vez menor, reage impassível à voragem urbana a maneira do que se dá com os rios turbulentos que vão mordendo raivosamente suas margens de terra, mas nada podem contra os dorsos densos e imperturbáveis de suas encostas de pedra, lisas, altas, íngremes.

A lógica urbana segue levando adiante suas piores

ameaças: no começo dos anos 2000 alargou a plácida rua D. Pedro II, à esquerda, para transformá-la na 3ª. Perimetral, uma dessas artérias concebidas para fazer melhor circular o fluxo estúpido do transporte individual. Hoje, diante da casa, está sendo construída uma passagem subterrânea, sempre sob o torpe argumento de facilitar a vida dos automóveis. Mas a casa, silenciosa, olhos semicerrados, ergue-se hierática em meio ao cortejo irritado a seu redor, e quem a vê do interior do seu carro, e sempre haverá alguém a estranhar sua prumada altiva, talvez perceba sua discreta pulsação.

Pois não se trata de uma casa qualquer, mas de uma que a vida toda foi habitada quase que só por mulheres: uma mãe, sua filha, a filha de sua filha; uma rara sucessão de cordões umbilicais interligados. A



vista da exposição/exhibition view -- **galeria nara roesler rio**, 2016

casa de Karin Lambrecht é palco e lugar de ações e pensamentos fecundos, uma verdadeira *célula mater*, um casulo onde nasceu e se criou uma artista, Karin Lambrecht e, anos depois, sua filha Yole, medularmente envolvida com as artes. No começo exclusivamente casa, paulatinamente também foi se convertendo em atelier. Primeiramente instalado numa das salas do piso térreo, o espaço de concepção foi vicejando, crescendo para o alto, para o primeiro andar, tomando os quartos. Hoje, sendo simultaneamente casa e atelier, é lá que Karin come, dorme, pinta, sangra, sonha, desenha, escreve, berra, corta, borda, tudo isso enquanto ampara a mãe que tanto ama, conversa com ela temas banais, rememora e ouve histórias, passagens íntimas ou apenas curiosas ou divertidas de tempos passados, faz ansiadas sessões de *facetime* com a filha, de quem sente umas saudades imensas, e que mora num país distante, lá no hemisfério norte.

O espaço da casa coincide com o espaço da fabulação de Karin, o lugar de onde ela gera suas ideias e conversa com os materiais. E quem conhece sua obra sabe da profundidade, da modalidade de encontro que ela estabelece com os materiais. A maioria dos artistas usa os materiais para exprimir suas ideias, Karin faz parte do restrito grupo daqueles que os escuta, sopesa-os, explora-os, sempre buscando juntar sua voz, sua carne, seu pensamento às vozes, carnes e pensamentos deles. E não importa a procedência do material: alguns podem ser comprados em lojas, serem sintéticos, quase virgens, resultado de alguma química inescrutável, e outros carregados de histórias pretéritas, como as terras que ela extrai de seu jardim para transformar nos pigmentos que posteriormente aplica em pinturas e desenhos; há, por fim, aqueles que têm sua origem no acaso, como o sangue do corte no seu dedo manejando o estilete e que ela incorporou com tranquilidade no papel que estava cortan-

do. O universo é mesmo composto de infinita e vária matéria, dentro e fora do nosso corpo.

Karin Lambrecht tem uma compreensão muito particular do trabalho artístico, que ela estende para qualquer trabalho: o contato com ferramentas e materiais, que inevitavelmente acontece junto com o pensamento, além do tato, do aroma, do olhos, da infusão do ser com as coisas, é instância de fecundação mútua. E o lugar onde tudo isso se dá confina com o que pode ser nomeado de sagrado. O encontro é uma troca, no caso, um momento de intimidade, como um beijo, palavra escrita numa das telas; como o amador que se transforma na coisa amada, como escreveu Camões, como a paixão que pode levar ao louco desejo de ser o outro, encaixar-se no outro, ou, como ela poeticamente grafa em outra pintura, "durmo em ti".

Essa é uma exposição fundada na pureza, como a água que se bebe na fonte, o sol do meio dia, uma folha de erva, um animal na chuva, como uma casa na paisagem urbana que consegue se manter como um abrigo, um regaço. Dessa vez suas telas e desenhos têm a ver com um sonho no qual o espaço do atelier, as paredes de sua casa, explode seus limites, transmuta-se todo ele em pintura. E para que não se confunda com as cores funcionais, escolhidas em razão de sua verossimilhança com as coisas do mundo, ela buscou cores emancipadas, autônomas, azuis que não correspondem ao céu, laranjas tão estridentes que só seriam encontrados nesses isotônicos bebidos em academias, vermelhos mais profundos que o sangue vivo. E, note leitor, as cores não se confundem, não se sobrepõem, embora separadas umas das outras têm suas fronteiras borradas. E o modo como são aplicadas garante sua flutuação intermitente, como um vitral fraturado, uma nuvem subitamente imobilizada. Dessa vez Karin Lambrecht trouxe sua própria casa para a galeria no Rio de Janeiro e nela ela se dilata.



vista da exposição/exhibition view -- galeria nara roesler rio, 2016



sinto sua falta, 2015 -- pigmentos em meio acrílico e riscos de pastel seco sobre lona/pigments in acrylic medium and dry pastel on canvas-- 88 x 90 cm



vista da exposição/exhibition view -- galeria nara roesler rio, 2016



sonho de sábado, 2015 -- pigmentos em meio acrílico e rasuras a carvão sobre lona/pigments in acrylic medium and charcoal on canvas -- 85,5 x 92,5 cm

karin lambrecht: the house in time

agnaldo farias

The house with solid appearance where Karin Lambrecht lives with her 97-year old mother, who presents various locomotion issues and sleeps on the ground floor, is growing more and more besieged by the noisy, dirty, off-and-on traffic in Porto Alegre's former nearly bucolic neighborhood of Higienópolis. The atmosphere was once tranquil, says Karin, who was brought up and raised her daughter there. This is confirmed by her mother, who, as a child, lived in the adjoining home for a few years before moving in for good. The house resists time, entrenched in an ever shrinking surrounding area, reacting impassively to the urban maelstrom—like a turbulent river that bites away angrily at its earth banks, but is helpless against the dense, imperturbable rocky hillsides, smooth, tall, steep.

The urban logic forges ahead, carrying along its worst treats: in the early 2000s, it enlarged the placid

D. Pedro II Street, on the left side, to convert it into the 3rd Perimeter Road, one of those arterial roads created to improve the stupid flow of one-occupant cars. Now, in front of the house, an underground passage is being built, with the never ending, torpid excuse of making life easier for automobiles. But the house, silent, its eyes squinted, towers hieratically amid the flustered motorcade that surrounds it, and someone watching from their car might find its majestic lines odd, perhaps noticing its discreet pulsation.

For this is not just any house; it's one that has always been inhabited virtually by women only: a mother, her daughter, her daughter's daughter; a rare succession of interconnected umbilical cords. Karin Lambrecht's house is a stage and a place brimming with actions and thoughts, a veritable mother cell, a cocoon where an artist, Karin Lambrecht, was born



vista da exposição/exhibition view -- galeria nara roesler rio, 2016

and raised, and years later, so was her daughter Yole, who is deeply involved in the arts. At first just a home, it gradually morphed into a studio as well. Initially located in one of the ground-floor rooms, the space of conception burgeoned upward into the first floor and took over the bedrooms. Now, at once a house and a studio, this is where Karin eats, sleeps, paints, bleeds, dreams, draws, writes, screams, cuts, embroiders, all the while catering to her much beloved mother, with whom she chats about commonplace things, reminisces and hears stories, intimate or just curious, fun passages from times past, and has eagerly awaited facetime sessions with her daughter, whom she sorely misses, and who lives in a distant country in the northern hemisphere.

The space of the house coincides with the space of Karin's fable-making, the place from where she generates her ideas and converses with materials. And those familiar with her work are aware of the depth, the modality of encounter she establishes with materials. Most artists use materials to express their ideas; Karin belongs in the select group of those who hear them, weigh them, explore them, always looking to merge her voice, her flesh, her thinking to their voices, their flesh and thinking. And the origin of the material doesn't matter: some of it might be bought at stores, be synthetic, almost virgin, the result of some inscrutable chemistry, and others might be charged with past stories, like the earth she extracts from her garden to transform the pigments she later applies to paintings and drawings; finally, there are those that originate randomly, like the blood from a cut on her finger from handling the stylus, which she calmly incorporated onto the paper she was handling. The universe is indeed composed of infinite, various matter, inside and outside our bodies.

Karin Lambrecht has a very particular comprehension of artistic work, which she extrapolates to all of her pieces: the contact with tools and materials, which is inevitably concurrent with the thinking, as well as the touch, the smell, the eyesight, the infusion of the being with things, a realm of mutual fecundation. And the place where it all happens coincides with what can be termed as sacred. The encounter is an interaction; in this case, a moment of intimacy, like a kiss, the word that's written on one of the canvases; like the lover who becomes the object of love, as Camões wrote, like the passion that can lead to a mad desire to be the other, to attach to the other or, as she poetically writes in another painting, "durmo em ti" (I sleep in thee).

This is an exhibit built on purity, like the water from a fountain, the midday sun, a herb leaf, an animal in the rain, like a house in the urban landscape that can hold its own as a shelter, a bosom. This time, her pictures and drawings relate to a dream where the studio space, the walls of her house, burst out of their boundaries, transmuting themselves entirely into painting. And so as to prevent any confusion with functional colors, chosen for their similarity with the things of the world, she sought out emancipated, autonomous colors, blues that do not match the sky, oranges so harsh they could only be found in the isotonic drinks of gym-goers, reds deeper than live blood. And the reader will note that the colors do not conflate, they do not superimpose, even though they may be separate from each other and their boundaries may be blurred. And the way they are applied ensures their intermittent flotation, like a fractured stained glass panel, a suddenly motionless cloud. This time, Karin Lambrecht brought her own house to the gallery in Rio de Janeiro, and here, it dilates.



detalhe/detail **o filho do homem**, 2015 -- Aquarela, folhas de ouro e prata com recortes e colagens e costuras em papéis de seda e feltro branco, braços de madeira/ watercolor, gold and silver leaf and collage on silk paper and felt, wood -- 250 x 120 x 40 cm



vista da exposição/exhibition view -- galeria nara roesler rio, 2016

	concepção
karin lambrecht	

tradutor/english version
gabriel blum

realização/produced by
galeria nara roesler

galeria nara roesler
rio de janeiro

rua redentor 241
ipanema 22421-030

abertura/opening

25.02.2016
19 > 22h

exposição/exhibition

26.02 > 09.04.2016
seg/mon > sex/fri 10 > 19h
sáb/sat 11 > 15h



(capa/cover) **viemos do vento trazer estas luzinhas**, 2015 -- pigmentos em meio acrílico, pastel seco e carvão vegetal sobre lona/pigments on acrylic media, dry pastel and charcoal on canvas -- 160 x 180

galeria	nara roesler
	são paulo rio de janeiro new york www.nararoesler.com.br info@nararoesler.com.br